

02-07-2010 | Ípsilon

Ken Jacobs (Nova Iorque, 1933) começou por estudar pintura com Hans Hofmann, um dos pioneiros do Expressionismo Abstracto. Nessa época, os anos 1950, começou as filmagens daquela que é considerada a sua obra-prima, "Star Spangled to Death", cinecolagem com sete horas de duração, apenas terminada em 2004, quando o cineasta decidiu recorrer às possibilidades oferecidas pelo vídeo digital. "Found footage" e cenas nas quais intervêm os seus amigos, entre os quais Jack Smith, o autor de "Flaming Creatures", dão corpo a este "épico político de vanguarda" que vai ser possível ver no Curtas de Vila do Conde nos dias 8 e 10.

O cineasta, um dos nomes fulcrais do cinema experimental norte-americano, ajudou a criar, em 1967, o Millennium Film Workshop, estrutura que tinha como objectivo promover um cinema acessível a todos. Os seus trabalhos apontam para um passado, para as origens quer da fotografia, quer das imagens em movimento: ao passarem pelas suas mãos esses fragmentos de história adquirem uma vida nova, como é o caso de "What Happened on 23rd Street in 1901", no qual é possível encontrar um paralelo com um dos momentos icónicos do século XX, as saídas esvoaçantes de Marilyn Monroe quando esta se colocou sobre uma grelha de ventilação (em "O Pecado Mora ao Lado", de Billy Wilder). Esta e outras obras relacionadas com as recentes experiências digitais do realizador fazem parte da exposição "Action Cinema", que é inaugurada amanhã na galeria Solar, em Vila do Conde, na presença de Jacobs e da mulher, Flo. O cineasta será ainda o protagonista da performance "Nervous Magic Lantern" (dia 5) e dará um workshop (dia 6), iniciativas integradas na secção "In Focus" do festival.

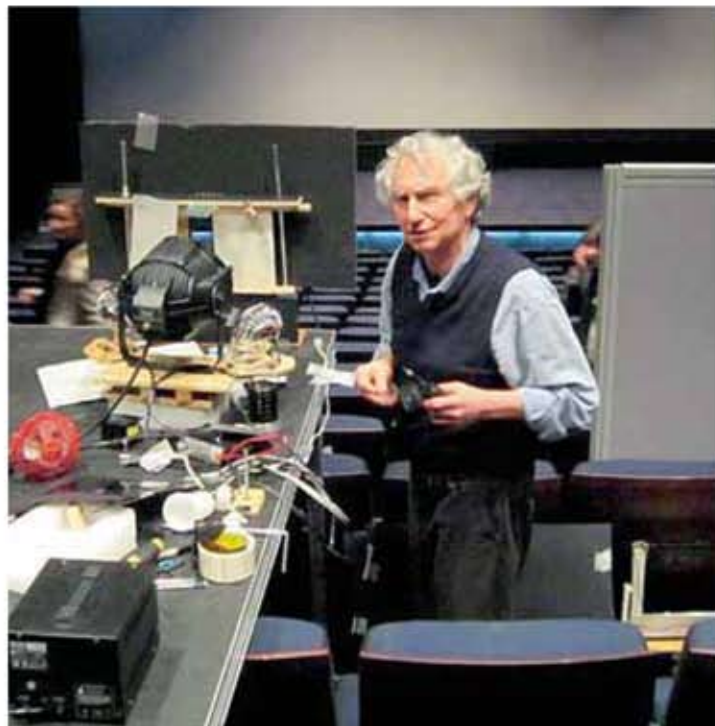
A aspiração a um cinema democrático foi um dos seus territórios de eleição, nomeadamente através da experiência do Millennium Film Workshop. Ainda é possível atingir esse objectivo?

Alguns de nós queriam um cinema democrático, outros queriam ser "génios", seres excepcionais, e o resto que se danasse. Hollywood representava o cinema demagógico. O Millennium Film Workshop talvez tenha sido, nos EUA, a primeira escola de rua

onde se ensinava a pensar e a realizar filmes. Rapidamente algumas universidades seguiram o exemplo, e mesmo algumas escolas secundárias viram a importância de darem aos jovens o conhecimento com o qual pudessem resistir aos filmes, mostrando o modo como eles nos afectam. Para os produtores sem dinheiro, primeiro foi o 16mm, depois, no fim dos anos 1960, a produção desenvolveu-se com 8mm e super 8mm. Houve maiores avanços com o vídeo analógico e as "toy cameras", e agora - triunfantemente - há o digital, câmaras de bolso baratas, telefones com câmaras e a World Wide Web. Certamente que o objectivo de um cinema democrático foi alcançado; agora estamos a ver o que vai sair daqui. É bom sermos selectivos, penso, mas hoje sou um velho com pouco tempo para olhar para outras coisas que não para aquilo em que estou a trabalhar.

Quais são as suas memórias do tempo passado com Jack Smith? Jack partiu há 21 anos. Não éramos amigos durante o tempo da sua fama. Houve apenas esse intenso tempo, de 1955 a 1961, quando saíamos quase todos os dias, até que nos fartávamos e nos separávamos. Interessante que retomávamos a nossa amizade laboral sem reflectir na última separação. O seu grande "Flaming Creatures" foi filmado em 1962, e a fama seguiu-o desde então.

Filmei e fiz a primeira montagem de "Star Spangled to Death" antes disso, mas não tendo dinheiro para pagar ao laboratório tive de o armazenar até ao aparecimento do vídeo digital. Inesperadamente iniciei uma carreira de professor, preferível à fome, enquanto continuava como cineasta, mas com a minha produção a ficar cada vez mais esotérica. O Jack não tinha interesse no cinema, para além da realização de filmes ou simulações de filmes, preferentemente sendo ele o protagonista. Falhou em montar um novo filme depois daquele primeiro triunfo mas manteve-se activo enquanto "performer", delirante fazedor de posters, dramaturgo, realizador de cenas isoladas, algumas delas magníficas, e ocasionalmente fotógrafo efectivo (na sua fotografia pré-fama foi consistentemente o melhor). Afirmava ser socialista, após ter-lhe emprestado a minha cópia do "Manifesto Comunista", uma das poucas



"Sou marxista, se isso significa vive e deixa viver, pelo menos entre humanos. Há duas espécies de humanos: aqueles que se preocupam com os outros e aqueles que não"

vezes que ele me agradeceu alguma coisa. Os seus trabalhos tardios eram muitas vezes precisos na crítica ao capitalismo tal como ele se manifesta aqui no Planeta Alugado - expressão cunhada por Jack ("Rented Planet").

Muitas vezes penso nos seus modos únicos, super-conscientes e cómicos,

quando o perfeito desrespeito pelos outros lhe permitia usar a realidade enquanto dispositivo teatral. Revezávamo-nos no fazer de coisas excêntricas, naquilo que mais tarde se tornou conhecido como teatro de rua. Esses dolorosos anos 1950 podem fazer-me rir quando recorro as nossas loucas acções contra o sonambulismo vigente.

Os seus trabalhos tentam relacionar-se com a memória apontando para as origens, não só do cinema, também da fotografia. Tem uma forte dimensão política. Considera-se um realizador marxista?

O reconhecimento do canibalismo, oops, quero dizer, do capitalismo, aconteceu quando era adolescente. Suponho que sou marxista, se isso significa vive e deixa viver, pelo menos entre humanos. O meu entendimento é que há duas espécies de humanos: aqueles que se preocupam →

O cineasta protagonizará uma performance "Nervous Magic Lantern" (dia 5) e dará um workshop (dia 6)

"Star Spangled to Death": "épico político de vanguarda", começado nos anos 1950 e terminada em 2004, com a ajuda do digital



Cinema de acção em Vila do Conde

É um dos nomes fundamentais do cinema experimental americano. Ken Jacobs vai estar no Festival possível assistir à sua obra-prima: "Star Spangled to death". Uma conversa por e-mail, acerca de porteiro elegante infinitamente educado e modesto) -, na qual também não faltam as